

O JÁ-DITO SOBRE EDUCAÇÃO DA MULHER E INSERÇÃO NO TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR

Rosângela Rocio Jarros Rodrigues

Universidade Estadual de Londrina, jarros@uel.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é apresentar elementos iniciais da história da educação formal da mulher e da sua inserção no mundo do trabalho remunerado. A educação é primordial para a transformação de valores ideológicos dominantes que diminuem ou menosprezam o papel da mulher na sociedade, todavia, é preciso buscar incansavelmente a formação educacional, bem como, o fortalecimento de gênero para além dos estereótipos construídos socialmente.

Destarte, tratamos do estereótipo como um chavão, um clichê ou uma ideia ou imagem preconcebida. Seria o pré-construído acerca de algo ou de alguém, nesse caso, sobre a mulher na sociedade. É pela palavra que os estereótipos são repassados e fazem sentido. Berger e Luckmann (2013, p.38) revelam que “A linguagem usada na vida cotidiana me fornece continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha sentido para mim”. O sentido decorre dos processos de socialização existentes nos grupos sociais nos quais as pessoas tomam parte desde o seu nascimento. Esses processos são instituídos na família, na escola, no trabalho entre outros.

O estereótipo se constrói sobre o já-dito e promove a retomada constante para sua perpetuação, ele responde a um enunciado anterior demonstrando seu caráter dialógico, conforme Bakhtin (2004). “O locutor não pode se comunicar com os seus alocutários, e agir sobre eles, sem se apoiar em estereótipos, representações coletivas familiares e crenças partilhadas”, consoante Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 216). Quando o estereótipo é analisado em sua superfície discursiva parece um facilitador das interações sociais; quando o olhar se volta para a estrutura interna conjectura-se a possibilidade de ele estar silenciando novos diálogos e possibilidades de modulação e transformação dos pré-construídos.

O componente ideológico presente em determinada interação social pode ser identificado no uso da fórmula estereotipada de comunicação. O pré-construído vem carregado de valores ideológicos que perduram historicamente, sendo transmitidos por diferentes gerações e, dessa forma, determinam o comportamento linguageiro da comunidade discursiva específica. “Um sentimento de evidência se associa ao pré-construído, porque ele foi “já-dito” e porque esquecemos quem foi seu enunciador”, ressaltam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 401). A repetição e reiteração do “já-dito” podem constituir uma estratégia discursiva de credibilidade e caracterizar o fenômeno linguístico da locução estereotipada na linguagem.

O estereótipo, no conjunto do comportamento linguageiro previsto num contrato de comunicação, compõe parte da identidade discursiva que determinada comunidade utiliza e reconhece entre seus membros. A estereotipia designa “o conjunto das expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso”, afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 245). Serve para mediar à relação do indivíduo com a realidade; o enunciador mobiliza imagens prontas, crenças preconcebidas a partir de representações coletivas cristalizadas.

Na perspectiva bakhtiniana, os estereótipos existem quando há formas de vida em comum que são relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. O fenômeno linguístico da estereotipia é facilmente identificado na troca comunicacional em diferentes momentos de interação social. Desse modo, ainda de acordo com Bakhtin (2004, p.126) “A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é

reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social, são elementos da festa, dos lazeres, das relações que se travam no hotel, nas fábricas, etc.”.

Ao se utilizar os estereótipos no cotidiano há um processo de construção de credibilidade indexada à identidade discursiva do enunciador, porém, com o uso reiterado das locuções, poderá haver um desgaste ou um não-pensar sobre o valor de sentido que constitui cada uma delas e, dessa maneira, a sua aplicação pode servir para silenciar outros sentidos diferentes, que concorrem para emergir em determinado campo discursivo.

Como afirma Orlandi (1995, p. 105) sobre a imposição do silêncio, não serve apenas para calar o interlocutor, mas, impedi-lo de sustentar outro discurso: “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação dos sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio(s). [...]. O silêncio, ao contrário, não é o não-dito que sustenta o dizer, mas aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído”.

O estereótipo por definição é a ideia cristalizada, fixa e dominante de uma comunidade discursiva; enquanto outras são silenciadas pela própria imposição do repetir o já-dito. O dito presente no estereótipo apaga o seu avesso, segundo Maingueneau (2005), esconde o jogo da contradição dos sentidos, enquanto fortalece o *ethos* de enunciador crível, membro legítimo da comunidade discursiva.

METODOLOGIA

Diante da condição do mercado de trabalho remunerado para as mulheres e que as mesmas “constituem um dos primeiros grupos que mereceram atenção na luta por oportunidades iguais de trabalho e ações afirmativas” conforme propõem Griffin e Moorhead (2006, p.50), propomos a presente pesquisa que tem por objeto o estudo sobre a mulher: os já-ditos e os silêncios.

Esta é uma pesquisa qualitativa e se apoia nos seguintes pressupostos: a) que seu objeto é histórico, ou seja, é determinado pelo tempo e lugar social, portanto, provisório e dinâmico; b) existe uma identidade entre sujeito e objeto, pois o pesquisador está comprometido com o que estuda; c) que os interesses e visões de mundo, historicamente construídos, são intrínseca e extrinsecamente ideológicos, e d) é essencialmente qualitativa porque trabalha com o universo de valores e significados, conforme Minayo (2011).

Também é uma pesquisa documental (GIL, 2008) porque utilizará documentos de domínio público veiculados em todo território brasileiro. O *corpus* é constituído pelos exemplares da revista as Melhores Empresas para Trabalhar, publicada pela Editora Abril e abrange o período de 2000 a 2018. Nesse momento estamos na fase inicial de levantamento bibliográfico sobre a trajetória da educação da mulher no Brasil e as implicações para a inserção no mercado de trabalho remunerado.

A análise de dados é realizada a partir dos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa a fim de identificarmos os já-ditos e os silêncios enunciados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: PRIMEIROS “ACHADOS”

Os primeiros “achados” foram obtidos por meio do levantamento bibliográfico realizado até o momento da pesquisa.

Os discursos presentes no mundo do trabalho, mantidos e reproduzidos pela cultura organizacional abarcam diversos posicionamentos discursivos. Ao enunciar sobre a mulher e o trabalho, o enunciador veicula pressupostos ideológicos que reiteram o já-dito e silencia outros valores. Ao longo do tempo vimos que “A distinção homem-mulher foi a primeira divisão do trabalho na história da humanidade, a primeira e a mais perene. Até algumas décadas atrás, o

esperado seria a mulher na cozinha cuidando da casa, dos filhos e o homem a “ganhar a vida”, relatam Batista e Codo (1999, p.62). Assim, a máxima vigente era “a mulher, seu lugar, é na família, sob o jugo do homem” (PENA, 1981, p.148).

Gilberto Freyre (2006) em *Casa-Grande e Senzala*, escreve um ensaio de sociologia e de história social sobre a formação patriarcal da família brasileira. Em muitos trechos fala a respeito do modo de tratar a mulher no período do Brasil pré-urbano-industrial. Em particular destacamos o processo de socialização ao qual as meninas eram submetidas:

À menina, a esta negou-se tudo que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina responda ou saliente; adoravam-se as acanhadas, de ar humilde. [...]

As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos. (FREYRE, 2006, p.510)

Logo, é desvelado o modelo de sociedade hegemônica onde o homem detinha o poder econômico e político e a certeza da sua superioridade sobre as mulheres, afirma Oliveira (1993). Nota-se que houve “um conjunto de restrições ao acesso das mulheres às escolas, no papel de alunas; até o início do século XIX elas não possuíam a mesma habilitação para pretender ensinar. Somente em 1827 surgiu a primeira regulamentação referente à educação feminina, na qual se permitia o acesso da mulher ao nível educacional elementar, mas não nos mais avançados” (PENA, 1981, p.114).

A propósito do trabalho como profissão, “somente a partir de 1943 passou a mulher a gozar do direito de trabalhar livremente, sem autorização do esposo”, de acordo com Pena (1981, p.148). Primeiramente notamos a inserção da mulher em profissões voltadas ao cuidado do outro. “Ao lado da enfermeira, o magistério primário consistia, no século passado, a outra via de acesso respeitável no mercado de trabalho para uma jovem de classe média” (PENA, 1981, p.114). No entanto, é com essas trabalhadoras, principalmente, as professoras, que se “influenciou os comportamentos das mulheres no sentido de sua emancipação. Elas começaram a circular livremente pelas ruas e instituições urbanas, a obter dinheiro e posição própria, a traduzir livros, etc.” relata Yannoulas (*apud* BATISTA; CODO, 1999, p.65). Destarte, a mulher inicia sua ocupação no mercado de trabalho remunerado.

Também a relutância a ascensão das mulheres a cargos de liderança no trabalho está muito arraigada aos estereótipos. A competitividade, a objetividade, a resistência a pressões, a racionalidade são atributos ligados ao estereótipo masculino. Ademais, a avaliação de desempenho dos trabalhadores tende a ser mais branda com os erros dos homens, pois quando erram é porque enganos acontecem, enquanto, quando mulheres, “é porque é mulher”. Essa direção tem sua origem na própria cultura, fruto da construção social humana, onde as mulheres são consideradas “naturalmente” maternais, cuidadoras da casa, da família e do lar. Além de frágeis, dóceis, pacienciosas e submissas.

Em tempos atuais a participação das mulheres ocupadas no Brasil, segundo IBGE (2010) nos sete grupamentos de atividade é a seguinte: indústria (36,4%), construção civil (5,1%), comércio (41,2%), serviços prestados a empresas (39,9%), outros serviços (63,2%), administração pública (63,2%) e nos serviços domésticos (94,5%). Nos cinco primeiros grupamentos a mulher é minoria e nos dois últimos é a maioria. Na administração pública porque garante os processos igualitários de acesso e ascensão na carreira profissional e, nos serviços domésticos porque é da sua “natureza” o cuidar da casa e similares.

Atentando para o rendimento salarial temos que as mulheres recebem o “estimado em R\$1.097, 93, ao dos homens (R\$1.518, 31). (...) em média, as mulheres ganham em torno de 72,3% do rendimento recebido pelos homens. Considerando um grupo homogêneo, com a mesma escolaridade e do mesmo grupamento de atividade, a diferença entre os rendimentos

persiste”, IBGE (2010, p.12). Aliás, a escolaridade era de “61,2% das trabalhadoras tinham 11 anos ou mais de estudo, ou seja, pelo menos o ensino médio completo. (...) a parcela de mulheres ocupadas com curso de nível superior completo era de 19,6%”, IBGE (2010, p.5). Apesar da mulher trabalhadora apresentar o índice de escolaridade satisfatório continua desigual o salário pago ao do trabalhador homem. Constatamos que a “tendência refratária” indicada por Puppim (1994) permanece ainda hoje.

Os resultados preliminares desvelam indícios que o já-dito reitera que a mulher tem lugar no mundo do trabalho e é tão qualificada quanto o homem. Porém, silencia o impedimento social da vivência plena e igualitária do seu direito à mesma remuneração, a cargos de liderança no trabalho apesar de apresentar níveis escolares desejáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a propósito da mulher ter inserção no mercado de trabalho remunerado por estar qualificada para isso (já-dito) ainda permanece a desigualdade no pagamento dos rendimentos apesar da capacitação educacional, os grupamentos de atividades de trabalho fazem predominar as vagas para homens e, talvez, haja a restrição à ascensão a cargos de liderança, levando a crer na manutenção de características ligadas ao estereótipo de fragilidade feminina em submissão ao modelo hegemônico de supremacia masculina.

Compreender os processos sociais que são mobilizados para a construção da imagem da mulher na sociedade do modo que a insira em condições desiguais no mercado de trabalho remunerado possibilita a aproximação do reconhecimento da força e da ação dos aparelhos ideológicos (ALTHUSSER, 2007) que contribuem para tal.

A construção social identitária do ser mulher privilegiou características da feminilidade ligadas à fragilidade pressupondo incapacidade “natural” a certos trabalhos remunerados. Demorou, impediram e retardam a vivência pela mulher do seu direito pleno e igualitário a educação, ao trabalho e ao exercício de sua cidadania.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BATISTA, Anália Soria; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. CODO, Wanderley (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p.60-85

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. Ed. São Paulo: Global, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIFFIN, Ricky W.; MOORHEAD, Gregory. O desafio da diversidade. In. _____.
Fundamentos do comportamento organizacional. São Paulo: Ática, 2006. p. 34-67

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *O estudo mulher no mercado de trabalho*. Disponível ww2.ibge.gov.br março/2010. Acesso em 19/07/2018.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.).
Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-87.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. RJ: Paz e Terra, 1981.

PUPPIM, Andréa Brandão. Mulheres em cargos de comando. In: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (Orgs.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. SP: Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 13-36